

A ATUALIDADE DA OBRA DO
JORNALISTA

MARCOS FAERMAN



LAURA FAERMAN
MÍRIAM SANTINI DE ABREU
(ORGANIZAÇÃO)

VU



Pobres &
Nojentas

Laura Faerman
Míriam Santini de Abreu
(Organização)

A atualidade da obra do jornalista Marcos Faerman

Florianópolis (SC) - 2023

Diagramação: Míriam Santini de Abreu
Foto de capa: www.marcosfaerman.com.br

A atualidade da obra do jornalista Marcos Faerman
[recurso eletrônico] / Laura Faerman; Míriam Santini
de Abreu, organização. – Florianópolis : Produtora
Vu; Revista Pobres & Nojentas, 2023. 48 p.

E-book (PDF). ISBN 978-65-00-84042-1

1. Jornalismo. 2. Reportagem. 3. Memória. 4. Marcos
Faerman

Sumário

Apresentação	05
Marcos Faerman, caminhando na margem Elaine Tavares	06
Eu tive um amigo Estela Bagnis	12
Marcos Faerman e a mochila Tiger onde parecia caber um universo Leonardo Fuhrmann	15
O espaço na obra do jornalista Marcos Faerman Míriam Santini de Abreu	17
O visionário Marcos Faerman! Neusa Maria Pereira	39
Apenas um homem Raquel Moysés	41

Apresentação

Os depoimentos e artigos aqui apresentados resultam do Encontro Virtual “A atualidade da obra do jornalista Marcos Faerman”, organizado pela Produtora VU e *Revista Pobres & Nojentas* no dia 18 de abril de 2023 pelo YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=xlgjTDF788>).

Marcos Faerman nasceu em 5 de abril de 1943 em Rio Pardo (RS) e faleceu em São Paulo em 12 de fevereiro de 1999. Passados 80 anos, o objetivo do Encontro Virtual foi refletir sobre a atualidade de seu fazer jornalístico, que marcou época na imprensa brasileira. Faerman foi jornalista, repórter, editor, administrador cultural e professor. Viveu grande parte de sua trajetória profissional durante a ditadura militar que tomou o Brasil em 1964, e participou, como criador, editor e repórter, de importantes publicações da imprensa alternativa, um importante espaço de resistência ao regime autoritário. Escreveu mais de 800 reportagens para o *Jornal da Tarde*, durante 24 anos. Tornou-se conhecido pela prática do jornalismo literário, gênero que faz uso de técnicas narrativas da ficção no relato de histórias reais.

A obra de Faerman está reunida no site www.marcosfaerman.com.br por iniciativa de sua filha Laura e seu filho Julio.

No Encontro Virtual, com abertura de Laura Faerman, cinco expositores e expositoras falaram sobre diferentes aspectos da obra do jornalista:

- Elaine Tavares – Marcos Faerman e o jornalismo nas margens
- Neusa Maria Pereira – Versus, Jornalismo e Movimento Negro
- Sandra Regina Moura – O Repórter-narrador: Marcos Faerman no *Jornal da Tarde*
- Guilherme Fernandes de Azevedo - O jornalismo como dúvida
- Míriam Santini de Abreu – Espaço e Cotidiano na obra de Marcos Faerman

Neste caderno, três dos cinco expositores e outros três autores, totalizando seis textos, abordam a trajetória e a obra de Marcos Faerman, mais uma vez buscando demonstrar a atualidade do fazer de um dos maiores jornalistas do país.

Marcos Faerman, caminhando na margem

Elaine Tavares

Jornalista, mestre em Comunicação Social pela PUC/RS e doutora em Serviço Social pela UFSC

Falar do Marcos Faerman é falar de alguém que fez morada de forma profunda no meu fazer jornalístico. Eu o conheci pela mão da minha amiga jornalista Raquel Moysés. Ela me entregou o livro “Com as mãos sujas de sangue” em 1994 e eu simplesmente pirei com a qualidade do texto, com a abordagem, a forma de narrar. Nunca tinha lido nada igual, ainda que desde bem pequena eu tenha sido leitora das revistas *O Cruzeiro e Realidade*, que sempre tiveram textos de primeira qualidade feitos por jornalistas extraordinários. Marcos Faerman era diferente. Nem mesmo os autores do incensado *Novo Jornalismo* estadunidense me impactaram tanto. Aquele pequeno livro de reportagens abriu um universo em mim.

Antes de conhecer mais profundamente a obra de Faerman eu já era uma apaixonada pela Teoria Marxista do Jornalismo, de Adelmo Genro Filho, a qual conheci no Curso de Jornalismo da UFSC pela mão do mestre Sérgio Weigert. Uma teoria que nos ensina como deve ser escrita a notícia, saindo do singular e abraçando a universalidade do fato. Um texto que ainda curto consiga capturar a atmosfera toda de um acontecimento. Esse exercício continuado no texto da notícia, sob a perspectiva adelmiana, me permitia escrever com mais profundidade, densidade, totalidade. Então, ao encontrar o Marcos Faerman, pude ver como a reportagem devia ser. Um texto quente, amoroso, descritivo, impressionista, aberto. Um texto que dá prazer a quem faz e a quem lê. Assim, com estas duas criaturas espetaculares, Adelmo e Faerman, fui aperfeiçoando minha escrita e são eles os que dormem na minha cabeceira, guiando meu fazer jornalístico.

Marcos Faerman, todos sabem, era um apaixonado pela reportagem e ensinava: “Reportagem é reconstituir, decodificar, recuperar espaços perdidos da condição humana”. Para ele, era impossível fazer reportagem sem considerar a vida singular de homens e mulheres que constroem o mundo. Aproximava-se assim de Adelmo Genro, mesmo sem o conhecer. Dizia que o jornalismo tem a obrigação de caminhar na direção de um mundo que

valha a pena ser vivido por todos e não por uma minoria. E entendia que o repórter precisava ser livre em todas as circunstâncias, para sentir o fato e depois para narrá-lo com verdade. Não era para menos, afinal, ele começou nesta estrada ainda menino, primeiro esperando pelos jornais e revistas na estação de trem e depois, já rapazote, adentrando o universo do jornal *Última Hora*, de Porto Alegre, onde foi repórter. Leitor voraz, conhecedor dos grandes textos da literatura, escrever, para ele, era como construir catedrais. Pura beleza.

Lembro-me dele contando a história – também narrada no livro “Repórteres” – de um jornalista que viveu nas primeiras décadas do século, Albert Londres. “Era um jornalista romântico e apaixonado pelo mundo e pelas histórias que contava... conta-se que ele foi trabalhar em um jornal anarquista. E o diretor do jornal lhe disse alguma coisa assim: ‘a linha do nosso jornal é...’ Albert Londres pegou a bengala e o chapéu imediatamente, e disse ao homenzinho espantado: ‘quem tem linha é trem’. E bateu a porta da redação, sem mais falar”. Esse era o seu modelo. Não tinha linha, tinha vastos sentimentos e uma sensibilidade que transbordava. Seu objetivo era narrar a vida de tal forma que incendiasse as consciências e as pusesse em marcha para a transformação. Ele acreditava firmemente que a reportagem era um método de investigação da realidade que precisava de um saber específico: o da descrição.

Faerman era louco pelo texto belo, comprometido, pela reportagem que caminhava no fio da navalha entre a literatura e o jornalismo e não se conformava com a desqualificação que a maioria hegemônica sempre tentou impor aos jornalistas que andam por essas veredas. “Hoje, sempre que se quer diminuir um repórter fala-se que ele é um romântico, que gosta de florear a linguagem, que usa elementos poéticos, literários. Nada mais estúpido. A história do jornalismo deixa claro que ao ser humano interessa a sua história, a sua cotidianidade, suas vitórias, conquistas, derrotas, enfim, a vida. E vida nenhuma pode ser narrada fria e objetivamente”¹.

Marcos sabia que a vida humana é carregada de beleza, de drama, de comédia, de momentos de tensão. É uma espécie de grande folhetim e o repórter de verdade é aquele que é capaz de narrar esta vida com toda a sua carga dramática, provocando no leitor toda a sorte de emoções e sentimentos, não apenas como sensações fortuitas, mas como alavanca para a mudança do estado de coisas. Ele argumentava que assim como os textos

sagrados ou as poesias de poetas imemoriais, a reportagem também deveria estar recheada da aventura humana e de tudo que a ela se relaciona, sejam seus mitos, seus medos ou segredos. Ser repórter, insistia, é olhar o mundo com olhos humanos, inexoravelmente revestido de seu próprio olhar, daí ser impossível e impostora a imparcialidade e a objetividade. Concretizava na prática o que já dizia Adelmo Genro: “o fato é objetivo, o olho que olha, não!”.

Faerman nunca cansou de lembrar que grandes escritores foram grandes repórteres e grandes repórteres foram grandes escritores. “Daria para alguém dizer, em sã consciência, que John Reed não era repórter/escritor ao narrar a vida dos guerrilheiros mexicanos na revolução redentora em *México Rebelde* ou a beleza da revolução russa em os *Dez dias que abalaram o Mundo*? Ou que o aventureiro e jornalista Henry Stanley não foi absolutamente repórter/escritor na sua viagem de 999 dias e mais de 11 mil quilômetros em busca do doutor Livingstone, que depois deu origem a um dos mais belos livros de aventura/reportagem *Através do Continente Misterioso*? E Hemingway no seu *Por quem os sinos dobram* é escritor ou jornalista, narrando de forma visceral a realidade da guerra civil espanhola? E Dostoiévski em *Recordação da casa dos mortos*, narrando a vida nos campos de prisioneiros na época czarista? No lado brasileiro podemos citar Euclides da Cunha e seu fantástico *Os Sertões*, ou Graciliano Ramos em *Grande Sertão Veredas* e *Memórias do Cárcere*, ou ainda Domingos Meirelles em *A noite das grandes fogueiras*, narrando a saga da Coluna Prestes. Literatos ou repórteres? Os dois, porque não dá para separar a vida da vida e um repórter é antes de tudo um narrador de vida”².

A entrevista que realizamos com Faerman, Raquel Moysés e eu, foi num dezembro de 1998, quando coordenamos, com Leopoldo Nogueira, o Primeiro Encontro de Jornalismo para a Paz, na UFSC. O grande e amado repórter foi o convidado especial e nos presenteou com boas horas de histórias e reflexões sobre a reportagem e sua importância no jornalismo brasileiro. Buscávamos nele a palavra bem-dita que já nos guiava, mas que se fortaleceria no nosso fazer. Depois, almoçando de frente para o mar do Campeche, pudemos fruir um pouco mais de suas palavras e de seus planos. Estava trabalhando em um projeto de livro que justamente iria discutir a reportagem, a história da reportagem. Estava feliz e animado. Infelizmente, no fevereiro de 1999 ele encantou, sem conseguir finalizar mais essa

obra que certamente seria seminal. Estava preocupado em traçar a arqueologia da reportagem, ir aos primórdios, à raiz, bem como queria refletir sobre uma ontologia, na busca do *ser do repórter*, assim como Livingstone um dia saiu em busca de Stanley. Certamente encontraria, porque era um homem de práxis, escrevia textos incríveis e pensava teoricamente sobre a reportagem. Tinha chegado a Heródoto, o grego que nasceu em 484 antes de Cristo, e que percorreu os limites do seu mundo, contando histórias. “Heródoto explorou seu tempo como um enviado especial dos jornais e revistas de hoje o faz”, escreve no seu texto eternizado no livro “Repórteres”, organizado por Audálio Dantas. Nele também oferece várias pistas sobre outros tantos narradores de mundo, repórteres, que amava.

Seu livro “Com as mãos sujas de sangue” é leitura obrigatória para qualquer um que queira caminhar por essas veredas da reportagem. Texto escrito de maneira visceral, narrativa colossal, comprometido com os perdidos da história. Uma obra-prima. Cada história plasmada na página é um universo, uma totalidade, só capaz de ser escrita por quem tem uma tremenda bagagem de leitura.

“O corpo caiu como um saco de lixo. Exatamente isto pensou Hyung II Lee, quando ouviu aquele barulho. Ali na baixada do Glicério, o lixo é jogado da janela em sacos azuis. Hyung ouviu gritos. Deixou o transistor que examinava no corredor escuro, oficina de seu pai. Caminhou alguns passos e viu que não era um saco de lixo. Era o corpo de uma mulher...” e por aí começa o delicado e triste texto “Depois que o corpo caiu”, uma pérola, eivada de sensibilidade e força. Depois, um a um, os demais textos do livro vão nos carregando pelo universo da vida dos trabalhadores, dos que só têm os seus corpos nus, como dizia.

Como neste, chamado “Os vigilantes”: Os vigilantes Elias Silveira e João Batista Emedino dos Santos morreram baleados na madrugada de ontem. Não tiveram nenhum reconhecimento. Ao olhar para seus corpos, os policiais diziam:

— Morreram dois trouxas.”

Ou ainda esse extraordinário texto, “O Porto dos Mutilados”, que está no livro “Violência e Repressão”, com escritos também de Percival de Souza e Fernando Portela.

“Navalhada não era valente, mas atirava bem. Um dia ele teve pela frente Simeão. Os dois se pegaram no armazém 15. Neste dia, Navalhada per-

deu. Já o Peixinho era valente e atirava bem. Um dia ele encontrou, lá no porto, um português e lhe disse: “Português, eu não te mato porque estou desarmado”. O Português estava armado. No dia seguinte, lá estavam levando Peixinho para o cemitério. Peixinho, Português, Navalhada, personagens dos tempos mais violentos do porto de Santos, lá pelos anos 30 e 40, quando quem dava as cartas eram os valentões. Usam o muque e armas — e um especial charme — para certos privilégios. ‘Uma máfia cuja história não foi escrita’ — é o mínimo que se diz desta gente. O porto foi mudando — chegando aos 12 quilômetros de hoje, se ampliando, transformando sua tecnologia, sofrendo uma disciplina cada vez mais severa. Hoje, até aparecem navios em que a tecnologia começa a desafiar o braço do estivador. E o estivador já se sentiu — enquanto classe — muito forte. Ser estivador, em Santos, era bastante para provocar orgulhos e ciúmes. Um velho jornalista lembra desta história: “O homem — lá pelos idos dos anos 50 — estava caindo no balcão do bar, mas pedia mais uma pinga. O dono do bar disse que não ia dar, é claro. Ele enfiou a mão no bolso e esfregou no nariz do dono do bar: olha para esta carteirinha aqui. Eu sou um estivador!”

Ah, seus textos tem a marca do autor. Conseguem ser crus, objetivos e extraordinariamente belos, mesmo narrando a mais profunda dor.

A trajetória de Marcos Faerman, seus textos, sua obra, inspiraram e consolidaram muito da discussão que faço eu mesma sobre o que chamo de “Jornalismo nas Margens”, o mesmo título de um pequeno livro que escrevi no ano de 2004. Como Faerman também entendo que fazer jornalismo é atravessar os caminhos de chão, a vida da periferia, olhando e observando as pessoas reais, como ele fez com as gentes da Favela do Sapo, os últimos chetás, a prostituta, os jovens assassinados, cada pessoa cuja vida esculpiu em texto, narrando-as em sua singularidade, na sua absoluta humanidade.

O Marcos Faerman foi esse cara das estradas de chão, dos caminhos vicinais, que escrevia com as mãos, a cabeça e o coração. Um cara comprometido com a vida.

Levo dele, de maneira indelével, uma história que contou sobre como escolhia os repórteres que vinham pedir trabalho nos jornais que ele criava, e foram tantos. Pois era assim, ele via o cara entrar e observava, se estava de chinelo de couro, bolsa de couro, roupa surrada e tinha um brilho intenso nos olhos ao olhar o entorno da redação, não precisava nem currículo, era

contratado na hora. “Geralmente uma pessoa assim dava um bom repórter, uma boa repórter. Era batata”.

Hoje eu faço assim, como o mestre, escolhendo para andar do meu lado os seres que não apenas escrevem bem, mas que ensanguentam as mãos e sujam os pés. E também busco na literatura os elementos para dar mais cor a essa vida dura das gentes comuns, como eu, como vocês... Essa é a gente que sai no nosso jornal, no nosso blog... Porque essas vidas precisam se dizer... E é nosso destino escavar e abrir lugares aonde elas possam se expressar.

¹ Entrevista concedida à autora em 10/12/1998

² Entrevista concedida à autora em 10/12/1998

Eu tive um amigo

Estela Bagnis

Intérprete e tradutora. Trabalhou no Jornal da Tarde, Jornal EX e Jornal Nós Mulheres

Eu, Estela Bagnis, tive um amigo que era um maravilhoso companheiro e que trabalhou comigo no *Jornal da Tarde* (JT). Nesse tempo, tinha vários queridos amigos, mas Marcos Faerman era especial. Na redação, era conhecido como Marcão. Eu vivia minha melhor experiência com o fotojornalismo e Marcão escrevia horrores.

Foram tantas as vezes em que confidenciávamos coisas, que agora algumas devem ser silenciadas por princípios. Dividíamos pão com manteiga, pingados, cervejas, romances, receitas e a ditadura. Fazíamos boas pautas juntos. Ah, como era meigo o meu amigo, me acalmava porque sempre fui um raio. Nessa época, éramos jovens impetuosos, apaixonados pela vida e pelas pessoas. Marcão tinha um grande amor e a amava como toda mulher deve ser amada. Eu admirava seus sentimentos tão intensos e como os declarava, assim, meio indefeso. Era comovente, era invejável.

Um dia meu editor Laerte Fernandes me chamou, Emerson Fittipaldi ia correr. Podia ser o bi campeonato, e foi! Meu colega redator Eric Nepomuceno e eu teríamos que passar uma semana em sua companhia antes da corrida. Ambos estaríamos escrevendo e fotografando-o em todos os lugares: na casa, no clube, na rua com o carro de passeio, no supermercado, no shopping e onde mais ele decidisse ir.

Ajeitei minha surrada câmera fotográfica Asahi Pentax, ia rebobinar o filme no momento em que faltavam umas quatro ou cinco fotos para fazer. Decidi usá-las então para terminar o cartucho fotografando Emerson em Interlagos, que estava compenetrado no banco e ao volante da sua Lotus. Coloquei outro rolo na câmera e comecei um dos dois filmes que o *JT* tinha me dado para a cobertura. Foi uma festa.

Com o primeiro filme, durante dias fotografei por onde eu o visse e não o visse também, me lembro de tentar cambalhotas nos mais diversos lugares. Até a sua esposa Maria Helena mostrou intimidades de seu lar. Fiz fotos em todos os lugares possíveis. No segundo filme, já sem graça, Emerson

Fittipaldi me pediu que, por favor, não divulgasse as fotos tão domésticas que estávamos fazendo, pois ficaria constrangido. Disfarcei a situação com um consentimento. Quando entregasse todo o material, imaginei a reação do meu editor: o importante seria a notícia ante tudo.

Eu me encontrava eufórica. Cheguei à redação, deixei os filmes para revelar no laboratório e fui pra casa. Não demorou muito, chegou o chamado “venha imediatamente, seus filmes estão velados”. Minha resposta surpresa: “Os dois? Mas os dois? Já vou até aí”.

Tinha meu próprio laboratório e revelei a jato o filme que tinha rebobinado ao iniciar a matéria, havia quatro ou cinco fotos do Emerson ao volante. Fiz as cópias e as levei até o *JT* correndo. Entre soluços, propus ao meu editor colocar uma tira da mesma foto, intercalada com vários centímetros de redação. O resultado foi um visual incrível, em que parecia que Fittipaldi estava correndo vitorioso nessa matéria. O bicampeão viu o jornal e imediatamente ligou para a redação agradecendo e elogiando meu trabalho ao Laerte, que ainda estava atônito comigo e com a situação. Ele me disse já bem mais calmo: “O que aconteceu, garota?”

Como fotógrafa fiquei desconsolada, humilhada, andando pela rua à deriva ou num bar na companhia e no abraço silencioso de Marcão, não parava de chorar. Por vários motivos sabia que estava sendo injustiçada. Um filme velado podia ser, mas os dois?! Não, não era possível. Eu não aceitava isso. Sabia que não tinha errado e ainda por cima nunca erraria duas vezes! Sempre ouvia o delicioso som do filme se encaixando, me certificava disso porque me dava segurança. Naquela época, um filme era trinta e seis possibilidades de sucesso, não se podia esbanjar.

Marcão também não se conformou com o caso nem com minha dor. Ele se informou discretamente durante semanas e após algumas sondagens muito confidenciais com alguém ultrassecreto do laboratório do jornal, magicamente a luz se fez: **eu tinha vinte anos, era estrangeira, e ainda uma mulher que certamente estava tirando o emprego de um homem e pai de família.** O boicote foi necessário, tinha fundamento. Essa foi a sentença que ouvi nos anos 70. A condição feminina era uma classe social. Eu me sentia possessa e triste, profissionalmente desestruturada. Mesmo diante de tanta dor, tinha alguém muito especial me apoiando, meu amigo Marcão, quem me acalmou com o seu tato inato. Estávamos no meio da ditadura e enquanto muitos morriam torturados, para todos era um tempo onde

não encontrávamos nenhum amparo nas leis. A luta contra xenofobia, homofobia, etarismo, racismo, misoginia e feminicídio não tinha remédio jurídico. Como saudosista que sou, quem sabe, até hoje comparto as reivindicações femininas. E devo ao meu amigo Marcos Faerman esta declaração entre aspas, porque ele me ajudou a entender ainda naquele tempo obscuro que “não antagonizar porque assim se pode construir uma relação mais sábia no futuro”, esse é e sempre será o melhor caminho. Depois desse episódio e de tantos outros, eu só poderia caber no imenso e generoso abraço gaúcho do Marcão. Agradeço por ter vivenciado essa etapa na companhia de sua sabedoria e de seu conforto.

Marcos Faerman e a mochila Tiger onde parecia caber um universo

Leonardo Fuhrmann

Dramaturgo e jornalista. Formado na Cásper Líbero e no antigo Diário Popular (SP), o Dipo. Trabalhou em diversos veículos de comunicação impressos e digitais, muitos dos quais existentes hoje apenas na memória. Foi aluno de Marcos Faerman

Creio que todos que estão aqui já conseguiram identificá-lo. Mas caso alguém tenha tido alguma dificuldade, peço licença para descrever Marcos Faerman. Alguns vão enxergar aquele líder estudantil do Julinho que colocou os pés pela primeira vez numa redação para levar um manifesto, outros veem entrar na sala o editor de muitas ideias do *Zero Hora*, do *Ex* ou do *Versus*, o repórter inquieto, de muitas histórias do *Jornal da Tarde* ou o professor que ensinava aos seus alunos, acima de tudo, a paixão e o entusiasmo pelo texto e pela reportagem. Em comum, todos conheceram um gaúcho rebelde, de cabelos desgrenhados, humanista e apaixonado por histórias, personagens e livros.

Tomo a liberdade de detalhar o quem eu vejo na minha frente agora. É um homem alto, corpulento, com seus cachos mais escassos e olhos claros. Carrega uma mochila Tiger azul escura, cheia de livros, jornais e papéis soltos. Quando reconhece um aluno-amigo sentado à mesa, chega por trás e passa o braço esquerdo pela lateral esquerda do pescoço dele até a orelha direita. Faz o mesmo movimento com o braço direito e, quando segura a cabeça do amigo como um goleiro encaixa a bola no momento de uma defesa, lhe dá um beijo no topo da cabeça. Assim era a chegada dele na sala do *Esquinas de SP*, jornal-laboratório da Faculdade Cásper Líbero do qual era editor.

Depois jogava na mesa sua mochila surrada e sempre cheia. Eu lembro que depois ele ganhou dos alunos uma mochila nova e jogou fora a velha com uma performance que pisava e chutava aquela já gasta companheira de viagens, mas escolhi falar da primeira imagem. Até porque naquela mochila Tiger, mesmo pequena, parece caber um universo. Saem dela livros que ele cita neste momento, jornais que ele está lendo, rascunhos antigos e os rascunhos que ele começa a riscar neste momento. Enquanto fala, ele reveza os

óculos de perto e de longe, ambos presos no pescoço por aquelas cordinhas. Vez ou outra, bafora nas lentes e limpa-as com a camiseta. Passa muito as mãos na cabeça, como se quisesse colocar ainda mais eletricidade naquele cérebro já inquieto.

Apesar da aparente bagunça, as ideias tornam-se sempre concretas. Qualquer conversa sobre pauta vem acompanhada de um desenho de como aquele texto ficaria na página, possíveis ilustrações e um título. Qualquer ideia que pode se transformar em título, ilustração ou fotografia e ser levada a uma página cabe na conversa. Principalmente as que não estarão de forma chata e enfadonha nos jornais do dia seguinte. Ele fala, escreve e desenha. Quando não encontra um papel, começa a riscar com sua caneta os braços de quem está próximo.

As conversas voam e ele começa a citar muitos livros que são alimento para quem vai tocar alguma daquelas pautas. Conta aventuras dele, de outros repórteres e histórias de muitos escritores e artistas em geral. Sua lista vai além dos clássicos mais óbvios do Novo Jornalismo e da Literatura. As referências passam por livros de aventura, quadrinhos, filmes e rock. Um caldeirão de obras com altas doses de experimentação e contracultura. Nunca óbvia. Ele mostra quadrinhos do Lourenço Mutarelli, pensa uma reportagem em quadrinhos e cantarola uma música do Lou Reed ou Rio 40 Graus, do Fausto Fawcett e da Fernanda Abreu, que ele ama.

Aquele *Esquinas de São Paulo* não existe mais. A última vez que entrei no prédio da Cásper, não reconheci a faculdade em que estudei. Aqueles jovens estudantes hoje são profissionais com mais de 20 anos de carreira ou abandonaram a profissão. Mas o mestre continua a ser o mesmo e se presentifica numa lista infinita de referências, em cada pauta criativa, boa reportagem ou texto que fuja do óbvio.

O espaço na obra do jornalista Marcos Faerman

Míriam Santini de Abreu

Jornalista. Doutora em Jornalismo. Autora do livro “Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável” (EdUFSC, 2006) e organizadora do livro “A rebelião do vivido no jornalismo independente de Florianópolis” (Letra Editorial; Pobres & Nojentas, 2020)

O tempo é o senhor do jornalismo. Mas, desde o início de minha trajetória profissional como jornalista, em 1992, tenho fascínio pelo espaço, que compreendo a partir da obra do intelectual francês Henri Lefebvre, a qual pesquisei em consonância com a teoria marxista do jornalismo do teórico gaúcho Adelmo Genro Filho. Os dois autores fundamentaram a tese de doutorado que defendi no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC) intitulada “Espaço e cotidiano no jornalismo: crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis”, da qual é parte a discussão apresentada neste artigo.

Para construir sua teoria do jornalismo, Genro Filho se alicerça nas categorias filosóficas do singular, particular e universal erigidas por G. Hegel e usadas na teoria de G. Lukács sobre a arte. Ele afirma a relação dialética entre essas dimensões e situa o singular como ponto de chegada no jornalismo, superando o particular e o universal, mas essas dimensões “(...) sobrevivem enquanto significados no corpo da notícia e sob a égide do singular” (GENRO FILHO, 1989, p. 161). Ou seja, o jornalismo deve irradiar o singular, o irrepetível, a forma originária do novo – deixando antever a transformação social – a partir da relação com as outras duas dimensões, evitando assim que a totalidade seja vista com uma mera soma de partes, a realidade um “(...) agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos” (GENRO FILHO, 1989, p. 156).

O aparecimento histórico do jornalismo implica, então, “[...] uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao movimento que anima a ciência, constrói-se deliberada e conscientemente na direção do singular” (GENRO FILHO, 1989, p. 160). Em termos

mais concretos, o aspecto central do jornalismo como gênero de conhecimento é “(...) a apropriação do real pela via da *singularidade*, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica” (GENRO FILHO, 1989, p. 58, com grifo no original).

Trata-se de uma teoria que abre novos caminhos para pensar a relação entre obra e produto, a possibilidade de compreender o jornalismo como obra por seu valor de uso, e não apenas como produto por seu valor de troca, e, nessa possibilidade, compreender o papel do espaço na obra jornalística.

Para Lefebvre, o espaço é um produto social. Cada sociedade produz seu espaço no processo histórico da produção social, e assim o espaço e o tempo são históricos. Lefebvre diz que o espaço é a inscrição no mundo de um tempo. Em sua obra, os princípios fundamentais da teoria da produção do espaço são: o percebido, o concebido e o vivido, articulados, respectivamente, às práticas espaciais, às representações do espaço e aos espaços de representação, identificando assim três momentos da produção, a material, a de conhecimento e a de significados.

Para melhor explicar os três momentos do espaço, Lefebvre afirma que a prática social supõe um uso do corpo: “[...] o emprego das mãos, dos membros, dos órgãos sensoriais e dos gestos do trabalho e das atividades alheias a este. Trata-se da esfera do *percebido* (base prática da percepção do mundo exterior, no sentido psicológico)” (LEFEBVRE, 2013, p. 99, com grifo no original). As representações do espaço, por sua vez, estariam penetradas de um saber, mescla de conhecimento e ideologia, sempre relativo e em transformação (LEFEBVRE, 2013, p. 100). Já o espaço de representação é penetrado pelo imaginário e o simbolismo, espaço que se vive e se fala: “Contém os lugares da paixão e da ação, o das situações vividas e, por consequência, implica imediatamente o tempo” (LEFEBVRE, 2013, p. 100).

Para mim, Marcos Faerman é o jornalista brasileiro cuja obra expressa plenamente a tensão entre esses três momentos da produção do espaço. Faerman foi jornalista, repórter, editor, administrador cultural e professor. Ele escreveu mais de 800 reportagens para o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, onde trabalhou durante 24 anos que cobriram praticamente toda a ditadura civil-militar, e participou, como criador, editor e repórter, de importantes publicações da chamada imprensa alternativa, como o jornal *Ver-*

sus. Parte das reportagens foi publicada em livros, entre os quais o intitulado “Com as mãos sujas de sangue” (1979), e reunida em um site lançado em 2016. A vasta produção de Faerman não só configura uma obra em sentido lato, pela quantidade, como também no sentido de deixar transparecer no jornalismo a possibilidade de valor de uso (em contraposição ao valor de troca) pela irrupção, no trabalho do jornalista, de um *ato poiético*. Lefebvre afirma que, desprendendo-se do cotidiano e da prática social, o criador de obras entra em outra prática, a sua própria, em que se relaciona com outras obras anteriores ou simultâneas e outros criadores de obras. A esse movimento, comum a todas as artes, o autor nomeia *ação* ou *ato poiético, prática criadora*.

Essa possibilidade afirma-se tanto no texto de Faerman quanto na reflexão que ele faz do próprio trabalho, apresentada de forma expressiva na história que envolveu a produção da reportagem “Alagados, Baía de Todos os Santos: aqui está o perigo que ameaça os pescadores”, publicada no *Jornal da Tarde* em 21 de maio de 1975, com desdobramentos na edição do dia seguinte.

Na viagem para a Bahia, o jornalista visitou a Enseada dos Tainheiros, a 30 minutos de Salvador, onde vivia uma população sobre palafitas de 20 mil “homens-peixes” que tinham seu principal sustento, o marisco, sendo envenenado por mercúrio despejado por uma fábrica vizinha, além dos aterros feitos para urbanizar a área. Parte expressiva das reportagens de Faerman tinha esse componente, o de revelar os impactos que os planos econômicos da ditadura civil-militar impunham ao espaço. Faerman abre o texto comparando o caso ao da Baía de Minamata, no Japão, onde uma fábrica de produtos químicos matou centenas de pessoas que se alimentavam de pescados contaminados com mercúrio. Ele escreve sobre as pessoas, as casas, a fábrica, compondo um quadro pungente, vivo, mesmo quando lido quase 50 anos depois:

“Maurílio é meu nome, Maurílio com certeza. Só tenho este café para tomar. Só este café, com certeza. Sou homem de coragem e trabalho, fui vaqueiro, doutor, sou leiteiro, trabalho na roça, na lavoura, mas agora só sou um homem com fome. Depois das chuvaradas todas não tenho mais trabalho pra mim, pra minha carroça.

Fui vaqueiro vinte anos, mas um dia uma vaca pegou meu olho. Tenho dez filhos, olhe pra eles aí, mas não tenho nada. Tem dia que não consigo dormir. Tranquilidade é quando se faz pelo menos uma refeição; o espírito fica tranquilizado. Quando não se come, não se tem satisfação, doutor. A gente é forçado a sofrer.” Maurílio está sentado nos paus podres que unem sua casa à terra firme. Não dorme direito há muito tempo. Quando a noite cai forte sobre os Alagados, ele acorda, caminha no casebre, pula por cima dos que dormem e fica andando pelas margens da aldeia dos homens-peixes. Vem para fora e fica “meditando”, como diz, “pedindo ao pai celestial que me ajude, que não me deixe cair, porque cair é pior, e uma coisa fica me perseguindo, cair é pior, pai celestial, não me tire a mente, o juízo que é só o que eu tenho.” Um cachorro vagabundeia perto do homem que tem medo de ficar louco. Uma sombra está curvada sobre o mar. É um velho que acordou com fome e vai buscar na água o marisco para a sopa. Se aparecer um peixe estonteado pelo veneno da fábrica, ele não vai pensar não senhor, ele vai cair em cima, com um pau. “Vem mariscozinho, vem” – ele fala com os mariscos. “Vem, mariscozinho, vem, vem pra panela do velho”. Enfia a mão enrugada na água negra, lixo boiando. “Eu não vou perder tua carnezinha”. Esta é a terra dos Alagados. O lugar onde o homem tem medo de ficar louco. O lugar onde um homem conversa com o marisco envenenado. O lugar onde não se confia em vida melhor, nem nos políticos, nem na casa nova que prometem a eles, nem na draga que trabalha para aterrar tudo. Este é o lugar em que o mar e o barro encontram-se com as casas feitas em três, quatro dias, cravadas na lama e no lixo, e onde bicho e gente disputam o resto das feiras. Há alguns meses atrás, quando o lixo ainda era despejado nesta terra, o (sic) vizinhos reuniam uns trocados para subornar o motorista do caminhão da Prefeitura, para que, o lixo fosse jogado na sua rua (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17).

Na escrita, o jornalista preserva a fala das pessoas com quem conversa e evoca, pela vida de cada um, o início daquela tragédia, a falta de uma casa, sonhada lá no final dos anos 1940: “Entenda-se por casa um lugar

qualquer que proteja do vento mais forte, da chuva, amontoado de táboa, barro, prego – nada parecido com o que classe média acha que deva ser uma ‘casa’. Uma coisa reduzida à sua essência” (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17).

Em seis linhas do jornal, Faerman descreve uma casa reduzida à miserável condição de habitat – e não a plenitude do habitar –, diferente das imaginadas e construídas por quem vivencia um espaço submetido a outra lógica. Mas o terreno alagado supostamente tinha dono, que não comprovou a propriedade, mas conseguiu na justiça fazer a polícia derrubar 150 casebres. Foi quando as famílias decidiram reconstruí-los sobre o mar, em palafitas. O mercúrio veio depois:

Mas já no fim do ano 1 em 1950, eles tiveram o direito de viver sobre o barro e o lixo reconhecidos pelas Autoridades. Já estavam vivendo debaixo de um teto. Naquela época, as casas apenas margeavam o mar, não era como hoje, quando as madeiras aventuram-se mais longe, mais fundo, como se ali fosse território à disposição dos homens.

Um lugar pitoresco, que os turistas viam de muito longe, da avenida Suburbana; cenas que foram aprisionadas nas telas de pintores famosos, e diluídas nas telas de pintores sem expressão, que são vendidas nas tendas do Mercado Modelo. E o irreal mundo dos homens-peixes, equilibrados sobre as pernas bambas de casas que o mar e o vento derrubam, começou a preocupar sociólogos “interessados no povo”, arquitetos que queriam escrever uma inteligente tese sobre “habitações sub-normais” (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17)

A reportagem termina com a declaração de um dos diretores da empresa, para quem “(.) houve muito exagero nesta história do mercúrio. **Um grande exagero** (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17, com grifos no original). É notável como o espaço aparece na reportagem. A prática espacial, o espaço percebido, na relação com o mar: “Criança de cinco anos já caça marisco, já nada até as ilhotas, já se aventura mar a dentro. Tem criança que aprende a nadar na sala de casa, no quarto (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17). E também a pobreza na vida em palafitas:

Nos Alagados, conseguir a comida não é o único problema. É preciso brigar por ela. Principalmente contra os ratos. “Os ratos têm mais direito do que nós”, escreveu uma moça para mim, enquanto conversava com o pastor na Igreja Universal Volta do Cristo, que é uma carpintaria (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17).

As representações do espaço, o espaço concebido, insinuam-se em vários parágrafos além daqueles nos quais a empresa afirma que a história do mercúrio é exagerada ou nos dos arquitetos interessados em saber mais sobre os precários casebres: “Hoje, dizem que Alagados vai acabar. Uma draga trabalha no mar. (...) Os casebres dos Alagados irão para os arquivos da memória nacional, para os livros dos antropólogos” (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17). As autoridades que no passado permitiram a construção das palafitas agora preparam terreno para outros empreendimentos.

Já os espaços de representação, o espaço vivido através de imagens e símbolos, aparecem na pobreza “pitoresca” figurada em quadros dos artistas locais, mas também no que representava aquele espaço antes que o mercúrio o contaminasse, expresso na fala do pastor: “E a maré é o lugar em que nosso povo faz a festa (FAERMAN, 21 mai. 1975, p. 17). Lugar, portanto, onde o mar simbolizava fartura, e não morte. A Enseada dos Tainheiros é um espaço onde o vivido foi arrasado pelo concebido.

A dupla vivência nesta reportagem – a do repórter e a das pessoas com quem ele falou – teve efeitos duradouros em Marcos Faerman. Ele não se esqueceu do velho de mãos enrugadas, curvado sobre o mar, conversando com o marisco envenenado. Em dezembro de 1977, no número 7 do jornal *Versus*, do qual foi idealizador, ele escreveu um manifesto de uma página provocado por aquele encontro, intitulado *As palavras aprisionadas*. O texto possibilita refletir sobre a questão da linguagem no jornalismo e as possibilidades por ela abertas para se pensar o jornalismo como obra – ao restituir seu valor de uso – e ato poético, fala criadora, conforme a concepção de Lefebvre. O manifesto divide-se em 11 tópicos. Faerman abre o texto mencionando a perplexidade do repórter:

1 – O repórter e sua perplexidade. O repórter tem diante de si a realidade. A realidade é a indagação a ser feita. A realidade é a

natureza e os outros homens. Como entender tudo o que nos rodeia? Como entender os conflitos, as mentiras aparentes, as verdades ocultas? Que instrumento usar no momento da descoberta? Que instrumentos usar na hora da revelação? (FAERMAN, 1977, p. 38).

O repórter, portanto, não tem diante de si fatos isolados, e sim a realidade em sua totalidade. E quem busca conhecer a realidade humana (social), afirma Lefebvre, deve interessar-se pelos homens. Mas isso não basta, porque a realidade em si é uma abstração. Ao repórter cabe encontrar, em um determinado tempo e espaço, a “experiência vivida”, a presença do corpo. E, mais ainda, um certo corpo, uma certa experiência, a singularidade de uma existência:

2 – Saindo da abstração. A realidade pode ser um homem encolhido à beira de um rio. O repórter é um ser em disponibilidade. Esta é quase que sua essência. Ele está à disposição dos “chefes”, do jornal em que trabalha. Cumpre horários, ordens. Num dia qualquer, uma hora qualquer é mandado para um lugar qualquer. E sempre assim. Ele poderá ter diante de si este homem ajoelhado no barro, olhando para um rio. O repórter olha para este homem. Procura saber sua história. A reportagem pedida: a vida de uma aldeia à beira de um rio corroído pelo mercúrio que mata os peixes que alimentam os homens (FAERMAN, 1977, p. 38).

Ao cumprir aquela pauta, o repórter ouve o estado, as autoridades, o povo, os industriais, mas encontra também o que está fora da ordem, a “linguagem confusa”, que não se submete ao que foi aprendido, às regras: a palavra, a fala, resíduo insubmisso da escrita:

3 – O repórter e sua perplexidade. O repórter recebe ordens. O repórter diante da “pauta”. Os problemas de um Estado diante da poluição. O que dizem as autoridades. O que diz o povo. O que dizem os industriais. As técnicas do repórter? O papel, a caneta Bic, o gravador. Os olhares das pessoas para ele – como o olhar daquele homem ajoelhado à beira do rio, não dá para es-

quecer. Um homem de roupas rasgadas, um pescador, que me fala com uma linguagem confusa como o vento que bate na água. Uma canoa parada no rio e uma rede. O olhar do repórter que cai em suas mãos. Mãos cortadas pelo barro (FAERMAN, 1977, p. 38).

No tópico 5, a relação do corpo com o vivido, tanto da parte do jornalista quando de quem lhe confia uma história, aparece em sua riqueza e miséria, e mais uma vez coloca a questão: como adequar a estreita e padronizada linguagem dita jornalística ao que, na realidade, é singular e único?

5 – Saindo da abstração. O repórter em busca da realidade. Com a sua sensibilidade. Com a sua insensibilidade. Em nome de uma Empresa Jornalística. Ouvindo histórias das vidas dos outros. Sugando dos outros a única coisa que eles têm, além dos corpos nus: uma história, a sua vida, a sua perplexidade, as suas dúvidas, as suas mínimas certezas. O repórter e sua própria pobreza (sic). E as suas próprias dúvidas e pequenas verdades (e separa (sic) grande medo). E o que ele ouviu que era “jornalismo”. E uma linguagem que lhe disseram que era jornalística. Como esta linguagem que lhe disseram ser “jornalística” se adequa aos olhos e às mãos daquele homem à beira do rio? (FAERMAN, 1977, p. 38).

Elementos dos tópicos 7 e 8 evocam as imposições ao jornalismo pela organização capitalista, entre elas a de uma certa linguagem, aquela disseminada pela adoção das normas estadunidenses, cerca de 20 anos antes, nos grandes jornais brasileiros, cristalizadas nos chamados manuais de redação. Faerman, lá nos anos 1970, reflete sobre esta estratégia e seu fundo ideológico, questionando a aparente neutralidade das técnicas:

7 – O repórter e sua formação. (...) A questão do “texto objetivo”. A pergunta: que texto é esse? Onde nascem e com quem a técnica jornalística ensinada pelo que é publicado nos jornais e revistas, e pelas “Escolas de Comunicação”. Onde nasceram e como as idéias de objetividade e neutralidade? Uma resposta pos-

sível: este texto jornalístico, esta linguagem fluente nos jornais surge com a estruturação da imprensa em forma de empresa/imprensa; empresas ligadas diretamente a determinada forma de organização da sociedade, o capitalismo. A linguagem da imprensa norte-americana se disseminando pelo mundo. A expansão de um Império e das idéias que o justificam (FAERMAN, 1977, p. 38).

No tópico 8, o autor afirma que a linguagem não pode ser pensada dentro dela mesma, e sim na relação com a sociedade em que adquire significado, em sua prática social, principal linha de pensamento da teoria da linguagem de Lefebvre. A afirmação de que há uma linguagem do poder e uma de crítica ao poder também insinua caminhos para os veículos fora da imprensa tradicional, erodindo um entendimento talvez estreito que marca o debate sobre o papel da imprensa alternativa/independente. A existência dos Policiais, dos Vigilantes do Texto, também coloca em cena o quanto o concebido (pelos manuais de redação, as regras, as chefias) subjuga, no jornalismo, o vivido (o olhar de quem “baixou para a realidade”, o olhar do repórter):

8 - Ainda a formação do repórter. A linguagem oficial da imprensa é defendida por muitos jornalistas. Ou não discutida. Ela é implantada *nos* jornais por jornalistas. Os Vigilantes do Texto. Às vezes, os Policiais do Texto. Uma arma na mão, a caneta. O direito que ganham de modificar o texto. O texto nasce do olhar do repórter sobre a realidade. Mas um olhar que não baixou para a realidade pode modificar as palavras. A defesa de uma linguagem. O esquecimento de que a “linguagem vem sempre de algum lugar”. De que a linguagem está sempre referida a uma classe social, a um grupo humano. E de que há uma linguagem do poder, como há uma linguagem de crítica ao poder. O quanto pode a linguagem do poder ser (sic) disseminar pela realidade (sic) toda, preenchendo até a linguagem dos sonhos, até se tornar uma linguagem aparentemente neutra e objetivo (sic)? A linguagem do poder alcançando até os espaços últimos do senso comum (sic). Pensar em tudo isto. E ainda analisar a forma como esta linguagem se confunde com a expressão jornalística (FAERMAN, 1977, p. 38).

O tópico 9 recoloca as possibilidades e limites da linguagem para captar a realidade no texto, “achar as palavras certas”, as que revelam, para descrever os múltiplos mundos e seres que se abrem ao jornalista e aos quais ele também se abre. O ato poético implica a saída da “abstração” e a necessidade de “saber ouvir” e “saber descrever”. A potência da fala está aí exposta:

9 - Saindo da abstração. Volto ao homem curvado sobre o rio. A responsabilidade que temos diante dele e daquele momento. A necessidade de saber ouvir e de saber descrever. A necessidade de uma linguagem que capte aquela realidade. O jargão jornalístico, economicista, sociologuês pode captar esta realidade? Mas é aquele homem que eu devo descrever, e não uma abstração. Será que é ser “literato” abrir meu mundo até aquele homem, absorver a sua realidade, a sua linguagem – achar as palavras certas para revelá-lo? E uma outra idéia: a relação entre as palavras que vão aparecendo na minha máquina e aquele homem (FAERMAN, 1977, p. 38).

O último tópico do manifesto de Faerman, em suas cinco linhas, talvez expresse, nas palavras de um jornalista e repórter brasileiro, tudo quanto Lefebvre quis fazer emergir em sua crítica da vida cotidiana, intimamente ligada às reflexões sobre o espaço: o esforço para pensar a totalidade em suas múltiplas contradições; a necessidade de revolucionar a linguagem e o espaço para revolucionar a sociedade; o cotidiano como o superficial onde, dialeticamente, capta-se o profundo; o ser humano como ser polivalente e polissensorial, potencialmente o homem total que K. Marx vislumbrou, mas mergulhado em uma vida cotidiana empobrecida e alienada. Não poderia ser outro o título que Faerman concede a este tópico:

11 - Manifesto de Libertação da Palavra. A busca de uma realidade implica numa linguagem capaz de captá-la. (...) Esta linguagem não é uma fuga. É o único caminho de (sic) nos levar à débil captação de uma sociedade e de suas contradições. E da única coisa que nos interessa: o ser humano sufocado em sua vontade de ser (FAERMAN, 1977, p. 38).

Analiso outra reportagem, intitulada “Aqueles antigos xetas, agora sombras”, publicada originalmente no número 6 da revista *Versus*, de outubro/novembro de 1977, para mostrar a prodigiosa relação entre tempo, espaço e linguagem na obra de Faerman.

A reportagem fala sobre o extermínio dos índios xeta, que viviam na Serra dos Dourados, noroeste do Paraná, em meados do século passado. O texto é tomado por interrogações porque, praticamente dizimada, a existência dos xeta deixou vestígios apenas nas imagens do europeu que os fotografou e filmou, procurado por Faerman para fazer a reportagem. A abertura do texto reflete as imprecisões da memória do entrevistado sobre um espaço e os seres que o habitaram num tempo que os consumiu e não se deteve:

O tempo não parou sobre a casa de Iczl Kosak. O tempo caminhou, jogou sua poeira sobre as coisas e sobre a sombra das coisas. Escrevo esta história quatro anos depois de ter conhecido Kosak, sombra entre sombras. Onde está ele? Onde está o europeu enfeitado pelo destino dos índios que viveram milênios (talvez?) protegidos pelas florestas e pelas águas no meio das montanhas, e que a natureza ocultou, até 1956, numa região do Paraná (FAERMAN, 1977, p. 32).

Em cinco linhas, Faerman também captura os motivos pelos quais os xeta e sua Serra foram arrasados. Nelas, de uma laçada, vislumbra-se o ciclo histórico inescapável de produção agrícola do Brasil, em seu ritmo incessante e voraz, engolindo terra e trabalho em nome do progresso, na frase simbolizado pelo Nescafé, um produto industrializado do café:

A expansão. O progresso. O café. O Nescafé. Os colonos. Os braços sobre as enxadas. A procura de mais terras. A expansão. O progresso. O café. O Nescafé. A exportação. O PNB. A expansão. O progresso. Nada escaparia (FAERMAN, 1977, p. 33).

O jornalista descreve as práticas espaciais desaparecidas dos xeta somente pelas imagens que o europeu capturou 20 anos antes da entrevista. Um intervalo talvez curto de tempo, mas, atravessando um espaço concebi-

do para expansão agrícola, foi o “(...) tempo mínimo – a migalha de tempo capaz de matar um universo” (FAERMAN, 1977, p. 32).

Um dos mais belos momentos desta tocante reportagem, em si mesma uma Obra jornalística – uma entre várias outras escritas por Faerman – é a sua comovedora percepção da inutilidade da permanência de um espaço de representação quando estão mortos os que, no espaço vivido, davam-lhe significado. No início do texto, o jornalista conta que a casa do europeu estava cheia de cenas xeta e de seus ídolos da morte, pequenas obras de arte, e uma delas nunca mais abandonou Faerman. Até em seus sonhos aparecia. Era um Deus negro, Moeul, que também habitava os sonhos dos xeta. Faerman volta a ele no final do texto:

Sonhos com Moeul. Um ser das forças do Mal. Negro. Negro. Negro. O ser mais triste do mundo. O que é um Deus do Mal, se os seus filhos já morreram? Um ser morto em sua inércia, em sua inutilidade. O ser moldado pelas mãos da floresta, que gritavam em seus sonhos. Um ser encurvado, alma dos mortos a lembrar os vivos castigos. O Deus do mal que sobreviveu aos seus criadores (...) (FAERMAN, 1977, p. 33).

Outro conjunto de textos exemplares para refletir sobre o espaço no jornalismo é a reportagem que Faerman fez para o *Jornal da Tarde* sobre a tragédia da seca no sertão nordestino, série iniciada na edição de 16 de janeiro de 1976, tendo continuidade ao longo daquele mês.

A primeira reportagem da série, em duas páginas, é dividida em 23 fragmentos numerados e uma retranca com declarações de fontes oficiais. Faerman chega a um dos municípios, Irecê, nos dias em que um avião pulverizava as nuvens para tentar provocar chuva. Cada fragmento captura a angústia, a esperança, até o medo de a chuva tão aguardada inundar a cidade toda. O ir e vir de gente e de bicho naquele espaço arrasado não cessa porque é preciso de algum modo encontrar água e comida, mesmo que as autoridades entrevistadas por Faerman afirmem não haver seca, e sim “falta de chuvas”. Há fragmentos que trazem o passado ao presente pela memória dos velhos que sobreviveram a outra seca, a de 1932. Cada ligeira descrição de pessoas ou de lugares e cada breve narrativa contam o esforço quase insuportável de sobreviver num espaço que, antes de acometido pela

seca, era motivo de orgulho para o povo de Irecê. Faerman percebe que os conceitos geográficos nada mais definem daquela natureza modificada:

Pra onde o senhor vai, moço? Para Irecê? Irecê não existe mais, Irecê acabou.

Foi o que ouvi de um caboclo magro, chapéu de palha caído nos olhos, malinha na mão, numa tarde quente, nenhuma nuvem no céu.

Estávamos perto de Irecê, na estrada de asfalto que vem de Feira de Santana. A cada quilômetro, no sentido de Irecê, o calor aumentava, as nuvens diminuía, raras, um céu azul.

Pertinho de Irecê, um grupo de homens conversava, e um deles dizia para a incredulidade dos outros, que naquela noite... ele tinha visto “relâmpagos no céu”!

– No horizonte?

– É, no horizonte; uns relâmpagos, pensei em chuva.

– Chuva... – disse o outro.

– Jesus, tem hora que penso que **nunca mais** vai chover.

Um caboclo olhou para o outro e disse:

– Olha os pássaros.

Estavam voando para longe de Irecê.

2

Irecê do sertão. Irecê da seca.

Não é uma cidade tão pequena como se imagina. Lembra algumas cidades de São Paulo. É um lugar atarefado, orgulhoso de suas toneladas de feijão, de mamona. “A maior produtora de feijão do Nordeste”, ouve-se na prefeitura. “Exportamos para cinco estados brasileiros”. Uma cidade que lidera uma região, com doze municípios, todos os feijão (sic), do milho e da mamona. Uma região em que a natureza alterou todos os conceitos geográficos.

Os rios não têm água.

Os lagos não têm águas.

Os olhos d’água não têm água.

Uma menininha de quatro anos chamada Cláudia vê um estranho na cidade, vem e pergunta a ele:
– Moço, você é da chuva?
[...]

15

Muita gente fala desta seca, fala de 32. Gerações e gerações cresceram em Irecê ouvindo os mais velhos falarem da “seca de 32”. Ninguém imaginava que isto poderia se repetir. Os velhos acham que aquela seca foi pior. Dona Ana Tertulina Dourado, “mais de 80 anos”, vai até a janela e começa a olhar as nuvens, “uns fiapinhos de nuvens que não podem ter chuvas” e que lembram as nuvens de 32. Aquela seca também chegou de mansinho. Quando ela foi embora, tinha levado consigo muita gente. Irecê era despovoada. As pessoas, que viviam nas poucas casas, foram acudidas de fora. Mas os burros que chegavam com algum alimento, morriam em Irecê, por falta de ração. Teve gente que fugiu para a beirada de rios longínquos. Quem chegou, chegou, mas muitos morreram no caminho, de sede e fome. Quem sobreviveu foi à custa de planta bravia, que ninguém nunca pensa comer. Plantas que têm gosto de nada. As misérias, os mortos de 32 ficaram pairando sobre Irecê. [...] (FAERMAN, 16 jan. 1976, p. 14-15). [Com grifos no original].

Faerman vai à Feira de Irecê, onde todos os moradores se encontram para comprar e vender mercadorias, e lá anota diálogos múltiplos e desconexos, as vozes da feira, um filosofar do desespero ansioso por ser registrado pelo “reportista” vindo de tão longe. Na feira, misturam-se sabedoria popular, laivos de ciência, ditos, causos antigos, tudo para dar algum sentido ao desespero e ao que ele provoca nas pessoas:

9

As vozes da Feira de Irecê:
– Tudo em paz compadre?
– **Com este tempo, compadre?**

- Estou bem porque estou em paz, compadre.
- **Mas e o tempo, compadre?**
- É: assim ninguém está bem.
- **Dizem que o Planeta de agora é igual ao de 32.**
- (Mais à frente falo de 32)**
- **Foi brabo aquilo, brabo.**
- Dizem que o Planeta é igual.
- Só quero que Deus não me mate de fome.
- **Amém.**
- Uma esmola para o cego Pedro! Uma esmola! Amor de Deeuuus.
- **Espera outra Era, cego, espera.**
- Mas dá para esperar?
- **Não.**
- Toda a lavoura perdida.
- **Tudinho mesmo.**
- Todo povo sofrendo.
- **E o criatório sofrendo.**
- O que é que aquele ali está anotando?
- **É reportista de São Paulo! Reportista, aqui, imagine.**
- Pois escreve, seu reportista, diz que a gente está sofrendo, que a gente precisa de ajuda.
- **E que a esperança da gente está na chuva que não vem.**
- Pode dizer que o avião não traz chuva.
- **Deus marcou decreto, adianta o homem querer diferente?**
- Eles precisam de nuvem para fazer chover.
- **Nuvem é coisa de Deus.**
- Tem quatro, cinco dias que eles passam voando sobre a minha terrinha.
- **Deus não quer, santo não fala.**
- E tem gente que passa o dia inteiro sem comer, pode escrever seu reportista.
- **Um homem precisa de uma merenda!**
- Quem vai garantir nossa merenda? Não temos culpa de não chover! Somos gente de trabalho!
- Precisamos de muita ajuda agora. Se não vier agora, trinta por cento vai é morrer de fome.

Aí começa uma discussão. Muita gente se aproximou do **reportista** e dos homens que estão falando com ele. Calças remendadas. Calças surradas. Camisas poídas (sic). Marca da poeira das estradas do interior de Irecê. Começa uma discussão. Que lugar vai bem? Que lugar vai mal?

– Pior é o município de Irecê.

– **E Central? Central não tem nem água!**

– Jussara também não tem nada:

– **Olha, moço, tudo por aqui vai mal. O custo de vida aumentou. Tudo subiu, o dinheiro encurtou, que é que se faz? Feijão tá a sete cruzeiros o quilo; farinha tá a três contos, dá para viver?**

– Não dá. E lá no Rio Verde tem muita gente morrendo de fome.

O avião passa no céu. Alguém ri. Outro homem, senhor de idade, diz que a ciência mais importante é a **ciência dos planetas**; os planetas é que mandam na Terra. Toda ciência é boa se os planetas ajuda (sic).

Filosofar de velho, que é interrompido quando começa a correria atrás de um ladrãozinho que foge do meio das barracas, derrubando prato de feijão com farinha da mão de um caboclo que sai correndo também atrás dele.

“Tempo ruim dá muito ladrão”, diz um senhor. E começa a contar uma história para ilustrar a frase.

– Pois eu conheço lá na Paraíba um vaqueiro que matou uma criança do patrão. O patrão se vingou. Botou veneno na farinha da casa do vaqueiro e matou cinco filhos do vaqueiro. Tempo ruim dá muito ladrão, muito assassino. Sorte que o povo daqui é bem pacífico.

[...] (FAERMAN, 16 jan. 1976, p. 14). [Com grifos no original].

Como em outras reportagens que fez, Faerman apreende as características essenciais do espaço a partir do que nele significam as ações humanas. Nos textos sobre a viagem ao sertão nordestino, revela como cada dia tem seu tempo consumido para, de algum modo, abrir-se para a fuga para outro espaço, qualquer espaço: “Para muitos, o futuro, pelo menos agora está

fora da região na linha de um horizonte que pode ser próximo ou longínquo. As estradas estão cheias de gente que parte” (FAERMAN, 16 jan. 1976, p. 15, com grifo no original).

A seca interditou as práticas espaciais – na rocinha preparadinha, no lugarzinho, nas casinhas, que aparecem no diminutivo, assim o repórter ouve e registra. E impõe-se, acima de pessoas e bichos, na fuga daquele lugar arrasado, que se salvem as mercadorias, como evidencia o fragmento final da reportagem que abre a série:

23

Um homem chega aos quarenta anos de idade, com mulher, oito filhos, uma mala, uma mesa, uma mochila.

Tinha um cachorro, mas o cachorro ficou.

Outro homem chega aos trinta e seis anos, com mulher e quatro filhos, e mais duas malas, uma mesa.

Este aí, perdeu um casal de periquitos.

Os dois chamam-se José Francisco e estão, com tudo o que vêm (sic), no alto de um caminhão, confundidos com a mercadoria que está sendo levada para uma cidadezinha de Pernambuco. A diferença é que a mercadoria é protegida por uma lona.

São dezesseis pessoas no alto de um caminhão, num dia de muito sol, e a viagem é comprida.

Estão com medo da Polícia mandar eles descerem na metade do caminho.

Andarão horas e horas, em cima do caminhão, olhando as plantações queimadas pelo sol, dos dois lados da estrada. Não avistarão nada: nem gente, nem bicho (FAERMAN, 16 jan. 1976, p. 15).

Como último exemplo desta teia espaço-temporal criada por Faerman na escrita jornalística, transcreve-se um fragmento do texto intitulado “Os homens tentam salvar o boi. E quem salva os homens?”, publicado na edição de 23 de janeiro de 1976 dentro da série de reportagens sobre a seca. Em suas andanças sertão adentro, o repórter chega a uma fazenda e lá flagra, em meio aos mandacarus espinhentos, a mais desesperada tentativa de manter a vida naquele espaço arrasado onde a seca matou as fontes de água:

O vigia da noite é o tetéu. E ele que fica, numa perna só, protegendo o sono de todos. E às nove horas, já se dorme nestas lonjuras de sertão, aqui em Parnamirim. Mas o sono da época de hoje, é muito diverso do de outras eras. Na fazendinha de seu Odilo, o medo substituiu a alegria; o sono se fez leve, esperando o canto do pássaro tetéu, o vigia da noite.

[...]

Mas estas são histórias do passado. A desgraça de hoje não é o Lampião, é a seca. Ela que matou o sossego das noites, que faz todos ficarem mais alertas ao canto do tetéu. Porque é à noite, que o perigo vem.

MAS QUE PERIGO É ESTE?

O perigo é a morte do boi, sufocado, caído na terra rachada, deitado de mau jeito, as narinas enfiadas na areia seca, o pescoço incapaz de escolher, pela fraqueza de todo o corpo, uma posição melhor.

Entramos na fazenda de seu Odilo. Seu filho João é nosso guia. Há um boi caído no chão, de pura fraqueza. A sua cabeça está tombada na areia. Não. As chuvas leves que caem na região, não eliminam o sofrimento do gado. Em Parnamirim, há, ainda, uma aguinha salobra. Pelo menos os bichos podem beber esta aguinha. O que matou o vigor de bois e vacas foi a morte do capim. A morte das ervas que eles apreciam. O corpo destes pesados animais foi se fazendo mais e mais fraco. O vai (sic) ser deles? – pergunto ao sertanejo João.

E O CABOCLO COMEÇOU A FALAR:

“É preciso cuidar deles; é preciso olhar para eles; é preciso. Eles só vivem se nós levamos para eles algum a coisa para comer. Olha aquele bichinho ali.” Vejo o filhote de uma vaca.

“Pois é. A gente, todos os dias, leva uma mamadeirinha a ela, dá um pouquinho de leite; cuida; cuida muito; dá água na boca tam-

bém, porque a água está longe; a mãe dela não tem leite, é aquele bicho ali.”

E João aponta para uma grande vaca, sem carnes, osso puro, osso e pele, presa a uma árvore por cinturões de couro. Os cinturões passam por baixo da vaca e sobem até a árvore – ela mal se movimenta nesta tarde seca, abafada, sem nuvens e cheia de moscas. A vaca, João me conta, assim está há três meses. Noventa dias presa, imobilizada, impedida de fazer o que seu corpo quer: cair no chão, descansar. A vaca foi amarrada à árvore pelos homens, que não querem que ela morra. Mas se ela cair – diz João – pode nunca mais levantar.

[...] (FAERMAN, 23 jan. 1976, p. 17). [Com grifos no original].

Os sertanejos sedentos, conta o repórter, acariciam o gado, fazem o possível para evitar aquelas mortes. No seu contar esse fato singular e também as inúteis tratativas dos sertanejos junto aos gerentes dos bancos para evitar a perda das terras, o texto abre-se a sentidos infinitos, epopéias não contadas, histórias, diz o jornalista, que o sertão esconde. São inúmeras as reportagens de Faerman que revelam a compreensão até aqui explorada sobre a relação indissociável do tempo e o espaço, a irrupção do singular, do irrepetível na vida cotidiana, a necessidade de revirar a linguagem para dar conta dessa totalidade. Claudio Willer, no prefácio do livro *Com as mãos sujas de sangue*, apreende o alcance do trabalho de Faerman, afirmando que a reportagem, “(...) bem como as demais formas de linguagem e de registro dos fatos, apenas levantam a ponta do véu, selecionando e privilegiando algum fragmento de uma totalidade” (WILLER in FAERMAN, 1979, p. 15):

O verdadeiramente inquietante, para Faerman, não é o que ele está relatando, porém o restante, o não-dito, o escamoteado e o indizível. Não estamos diante de um jornalista empenhado em garantir a boa consciência e a paz de espírito dos leitores, deixando-os repousar na crença de que estão sendo informados de alguma coisa: Faerman é o repórter do não-fato, da anti-reportagem, das dúvidas e vazios no texto. Este questionamento do alcance da reportagem faz com que o texto exerça ao mesmo tempo uma fun-

ção meta-lingüística, de crítica do jornalismo, e, em termos mais gerais, de crítica e relativização das nossas categorias de conhecimento (WILLER in FAERMAN, 1979, p. 15).

Willer também menciona o tema da errância no conjunto da obra de Faerman, das pessoas que vagam sem chegar a lugar nenhum, as que encontram um espaço mínimo e dele são expulsas, os seres sediados no não-lugar, onde a miséria é absoluta, e os lugares que acabaram de vez depois de desastres e tragédias (WILLER in FAERMAN, 1979, 17-18). O prefácio realça ainda o papel da fala, citando a raiz comum ao jornalismo e à narrativa de ficção: “(...) a poesia épica de transmissão oral, como sua função de preservar a memória e a identidade cultural dos povos, e o relato histórico” (WILLER in FAERMAN, 1979, p. 19).

É possível afirmar que seja a errância um dos mais significativos elementos da obra de Faerman e do jornalismo. No espaço-tempo das grandes cidades, a errância apanha as populações em situação de rua, os boias-frias à incessante procura de alguma ocupação, os trabalhadores em longas viagens no trajeto casa-trabalho, os milhões de entregadores com jornadas de 12, 14 horas por dia, as famílias em incessante busca de lugar para morar, as populações indígenas, negras e quilombolas com seus territórios continuamente ameaçados. A errância sem descanso também vitima as caravanas de migrantes e imigrantes fugindo de guerras e buscando sobreviver em todos os continentes.

Atento a esses temas, Faerman produziu sua obra tanto na grande imprensa, como era o caso do *Jornal da Tarde*, quanto na imprensa alternativa, como o *Versus*. Praticamente todas as reportagens selecionadas para o livro *Com as mãos sujas de sangue* (1979) tem um traço distintivo, o de conter nelas – no sentido de um dique, como assinala Lefebvre – o tempo, mas também o *espaço*, eternizando-o.

No citado livro, a reportagem sobre um despejo da Favela do Sapo, onde um poeta vive no menor casebre e guarda seus escritos em uma caixa de biscoitos, conta, pela singularidade daquele poeta, na particularidade daquele despejo, a condição dramática de todas as pessoas impedidas de estar no mundo. E revela que, mesmo na mais desgraçada vida cotidiana, o ser humano é capaz de fazer poesia e criar beleza. Já a reportagem “Gênesis”, sobre uma favela criminosamente incendiada, é um testemunho sobre

a coragem no desespero neste Brasil onde as favelas continuam ardendo. Porque a vida é mais forte do que qualquer coisa, mais forte do que o fogo e a água, palavras que Faerman ouve de um morador da favela escritas no primeiro parágrafo do texto. E ainda outra reportagem, intitulada “Histórias de uma aldeia visitada pelo medo”, no já citado livro, sobre a expulsão dos caiçaras em Paraty para a construção de um empreendimento imobiliário, fala deste Brasil tão atual que deserda da terra os seus filhos.

A obra de Faerman, testemunho de espaços destruídos, espaços desaparecidos, espaços reconstruídos onde seres tentam sobreviver, evidencia o quanto a compreensão do espaço a partir da tensão entre o percebido, o concebido e o vivido tem a contribuir para o jornalismo. Essa perspectiva tem uma relação inescapável com a vida cotidiana, em sua miséria/riqueza, dimensão onde o novo irrompe e permite compreender a sociedade em seu movimento, onde o singular, o irrepetível, como ensina Adelmo Genro Filho, cristaliza a potência do jornalismo como forma de conhecimento da realidade.

Por isso, quando avalio a atualidade da obra de Marcos Faerman, afirmo que não só é atual como aponta o caminho do jornalismo para os que estão com ele realmente comprometidos neste nosso tempo histórico.

Referências

ABREU, Míriam Santini de. Espaço e cotidiano no jornalismo: crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214395>. Acesso em: 15 mai. 2023.

FAERMAN, Marcos. Alagados, Baía de Todos os Santos: aqui está o perigo que ameaça os pescadores. *Jornal da Tarde*, São Paulo (SP), 21 mai. 1975. p. 17. Disponível em: http://www.marcosfaerman.jor.br/1975_05_21_Alagados.html?vis=facsimile. Acesso em: 15 mai. 2023.

FAERMAN, Marcos. Bahia poluída. *Jornal da Tarde*, São Paulo (SP), 22 mai. 1975. p. 19.

FAERMAN, Marcos. A seca, a fome, a tragédia do sertão. *Jornal da Tarde*, São Paulo (SP), 16 jan. 1976. p. 14. Disponível em: http://www.marcosfaerman.jor.br/1976_01_16_SecaFome.html?vis=facsimile. Acesso em: 15 mai. 2023.

FAERMAN, Marcos. Os homens tentam salvar o boi. E quem salva os homens? *Jornal da Tarde*, São Paulo (SP), 23 jan. 1976, p. 17.

FAERMAN, Marcos Aqueles antigos xetas, agora sombras. *Versus*, São Paulo (SP), n. 6, out. 1977. p. 32-3. Disponível em: <http://marcosfaerman.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/Versus06.html?vis=facsimile>. Acesso em: 15 mai. 2023.

FAERMAN, Marcos. As palavras aprisionadas. *Versus*, São Paulo (SP), n. 7, dez. 1977. p. 38. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/Versus07.html?vis=facsimile>. Acesso em: 15 mai. 2023.

FAERMAN, Marcos. *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo: Global Editora, 1979.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*, Porto Alegre: Tchê, 1989.

LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia: prolegômenos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Espanha: Capitán Swing, 2013.

WILLER, Claudio. Marcos Faerman, repórter do nosso tempo. In: FAERMAN, Marcos. *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo: Global Editora, 1979.

Site:

MARCOS FAERMAN. www.marcosfaerman.jor.br e www.facebook.com/marcosfaerman/

O visionário Marcos Faerman!

Neusa Maria Pereira

Jornalista, fundadora e co-fundadora de movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado (MNU), e um dos principais nomes do feminismo negro do país

A primeira vez que vi Marcos Faerman pessoalmente foi no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Eu já o conhecia por intermédio de suas reportagens líricas e revolucionárias publicadas no *Jornal da Tarde* do qual era leitora voraz, principalmente por causa do jornalismo praticado por Marcão, como era carinhosamente chamado pelos amigos. Neste primeiro contato, fiquei profundamente impactada pela figura daquele homem bonito, alto, cabelos cacheados e olhos azuis profundos, inquietos, interrogativos, curiosos.

Marcão chegou e logo todas as atenções voltaram-se para ele. Seu poder de comunicação não se dava apenas pela escrita cativante, emocionada, mas também pela fala repleta de informações sobre o assunto focado. Eu estava sentada numa poltrona, em frente à sala do jornalista Audálio Dantas, então presidente do Sindicato. Marcão fora conversar com Audálio sobre os preparativos da greve da categoria que estava para acontecer. Talvez ele nem precisasse participar do movimento, era jornalista prestigiado, respeitado pelos donos da empresa Estado de São Paulo, responsável pela publicação do *Jornal da Tarde* e, com certeza, um dos maiores salários do país, com liberdade para escrever o que quisesse, com toda liberdade de forma e conteúdo. Mas seu espírito libertário, sempre preocupado com a evolução do jornalismo brasileiro, não permitiu que ele faltasse em momento tão importante.

Naquele encontro rápido, nunca imaginaria que um dia seríamos colegas de redação. Mas isto aconteceu quando levei meu manifesto “Pela Mulher Negra” para ser publicado, em 1977, no jornal *Versus*, que iniciaria a discussão do feminismo negro no país.

Fui procurar o *Versus* porque sabia ser ele reduto de jornalistas do *Jornal da Tarde*, e o principal: Marcos Faerman era seu idealizador. Foi o momento mais importante de minha carreira jornalística, ver meu texto pu-

blicado no *Versus* depois da peregrinação por diversos jornais de esquerda tê-lo recusado.

No *Versus* tive oportunidade de conhecê-lo melhor, principalmente depois da criação das páginas do Afro-Latino América publicadas pelo jornal. Quando ele estava na redação era um acontecimento. Tinha sempre uma ideia nova de reportagem, um escritor novo para indicar, uma peça de teatro de sucesso para recomendar, um filme importante que deveríamos ver. Eu, jornalista recém-formada, abria bem os ouvidos, atenta para a oportunidade, única, de melhorar meus conhecimentos com o Marcão. Ele entendia e sabia tudo o que acontecia na América Latina e em África. Muitas vezes, indicou livros de escritores africanos para nosso grupo ler. Não foram poucas as vezes que escreveu nas páginas do Afro-Latino América. Intelectual de ponta, era leitor apaixonado dos livros do jornalista e escritor americano Norman Mailer, criador do realismo fantástico no jornalismo do qual Marcos inaugurou no Brasil. Por diversas vezes, o vi mencionar a obra de Mailer com profunda reverência. Igual admiração tinha por Eduardo Galeano, que visitou a redação do *Versus* e foi recebido por Marcão e o jornalista Omar de Barros Filho, editor do *Versus*. Grande admirador da Música Popular Brasileira, sempre guardava em sua inseparável bolsa a tiracolo um LP de alguém importante de nosso cancionário. Graças a sua apresentação, comprei o LP gravado por Gilberto Gil e Jorge Ben Jor “Ogun Xangô”, obra-prima da música popular brasileira, assim como Marcos Faerman foi e ainda é, obra-prima do jornalismo brasileiro.

Apenas um homem

Raquel Moysés

Jornalista, especialista em Jornalismo Científico e doutora em Comunicação Social

Marcos Faerman sempre foi criatura da minha mais terna adoração. Eu o vi pela primeira vez em Curitiba, nos anos intensos em que iniciava a minha vida no jornalismo, ainda estudante na Universidade Federal do Paraná.

Aqueles eram tempos propiciatórios, em que a beleza da palavra e da arte me esculpam o espírito e me criavam, recriando-me.

Em 1980 fui ao lançamento do livro “Com as mãos sujas de sangue” e fiquei profundamente tocada pela sua figura, pela sinceridade do seu olhar.

Marcos era de uma ternura com jovens como eu... que apenas iniciava a lida na lavra das palavras.

Comprei o livro e, com o coração aos pulos, esperei na fila para receber o seu autógrafo. Havia já folheado algumas páginas e as palavras tinham entrado como poesia no meu ser.

Eu, que sempre me deixei levar apaixonadamente pela correnteza ritmada dos versos, pouco conhecia desse jornalismo que contava histórias humanas com a delicadeza e a violência de um testemunho.

Naquela noite, na Casa da Estudante da UFPR, a luz da arandela do quarto compartilhado com mais duas companheiras ficou acesa por muito tempo. Não conseguia me desgarrar daquelas histórias apaixonantes que eram puro jornalismo.

O jornalismo que Marcos desejava que eu amasse “até as últimas consequências”, como escreveu no autógrafo que me dedicou.

Carreguei este livro ao longo da vida, abrindo-o em qualquer página, sendo sempre possuída pelo mais absoluto estupor.

Tive o cuidado de nunca emprestar o original autografado, com medo que se perdesse, mas disseminei o livro o mais que pude entre os jovens que iniciavam a labuta com as palavras sem ainda saber que existia um repórter com tamanha paixão por narrar a vida e suas estranhezas.

Por longo tempo nossos caminhos não mais se cruzaram, mas, muitos anos depois, já trabalhando na Agência de Comunicação da Universidade

Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, junto com valorosos companheiros, decidimos organizar um encontro de jornalistas para a paz.

Corria o ano de 1998, e naquele 10 de dezembro seriam celebrados os 50 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nosso amigo Leo Nogueira havia sugerido que a gente marcasse aquela data com um encontro inesperado, e seguimos firmes no propósito de realizar algo inédito.

Na busca de um nome para marcar com força aquele encontro, eu me enchi de esperança quando sugeri que convidássemos o Marcos.

A Elaine Tavares, que conhecera o meu guia no jornalismo através da minha apresentação apaixonada do livro autografado, ficou entusiasmada.

E, para nossa alegria, o Marcos aceitou imediatamente o convite.

Vivemos dois dias de glória ao lado dele. O Marcos era um ser generoso e nos ofereceu a luz de sua presença e de sua palavra sem qualquer restrição de hora e lugar.

Quando fomos acompanhá-lo de volta ao aeroporto eu estava comovida e grata à vida por ter permitido que reencontrasse aquele homem que inundava de amor as palavras, mesmo quando contava as histórias mais atroztes vividas por homens e mulheres “sufocados na sua vontade de ser”.

Marcos nunca soube quanto eu o adorava, não consegui dizer isso para ele naquela despedida em que fui tomada por melancolia inexplicável... Ele me parecia tão frágil na sua grandeza de bardo do jornalismo que teria vida breve.

Dois meses depois fui dolorosamente surpreendida, numa manhã de fevereiro, pela notícia da sua morte, aos 55 anos.

Sempre achei que foi porque no coração do Marcos não cabiam mais tantas histórias, tantas imagens, tanta humanidade perdida, e então ele parou de bater numa manhã de carnaval, sem aviso.

Mas a sua curta trajetória humana foi uma explosão de criação. Marcos nos deixou uma fonte copiosa de beleza, não só nos seus textos insuperáveis, mas também na profusão de ideias plantadas generosamente, sempre sonhando com o vicejar de um jornalismo que realmente contasse.

Em seguida reproduzo o texto que publiquei no *Jornal Universitário* da UFSC depois daquele encontro memorável.

São pobres palavras para expressar a enormidade de um repórter que era... apenas um homem.

A arte de narrar a vida

Por Raquel Moysés

Nenhum jornalista com um pingão de sensibilidade consegue ouvir Marcos Faerman impunemente. Quem desafiou um militar que pedia aos jornalistas para contarem histórias alegres, no começo de 1979, respondendo “os fatos são estes, meu general...” só poderia ser o homem que poucos ousaram ver e ouvir em Florianópolis.

Esse homem chamado Marcos Faerman, dono de fina sensibilidade, condição primeira e última para ser repórter, desmonta implacavelmente, quando escreve e quando fala, o jornalismo objetivo, imparcial, isento, impostor.

Dizer o que se julgaria aparentemente óbvio, revelando surpreendente verdade, não é para qualquer um. E Faerman faz isso quando afirma que um jornalista tem que ser, acima de tudo, um homem. Com a sensibilidade de um contador de histórias, ele sabe que é preciso narrar a história do outro com respeito e paixão. Porque como escreveu no texto antológico “As palavras aprisionadas”, ao narrar histórias humanas o jornalista está sugando de seus personagens a única coisa que eles têm além de seus corpos nus: uma história, a sua perplexidade, as suas dúvidas, as mínimas certezas.

E foi esse narrador de histórias que falou na abertura do I Encontro de Jornalistas para a Paz, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele sabia, no Auditório da Reitoria, que a última coisa que faria, naquele momento, seria deixar em paz a consciência e garantir a paz de espírito da pequena plateia que o ouvia. Só alguém como ele teria a audácia de iniciar um encontro com tal nome com a expressão “é o diabo...” Talvez, perplexo pelo desafio de ter que falar de um mundo interior inesgotável em tempo tão limitado.

O menino que aos 15 anos sonhava em fazer a revolução socialista desnudava-se aos poucos, revelando um mundo de subjetividade e um conhecimento imensurável, enquanto a memória vagava por caminhos percorridos com os pés, os olhos e a mente, desde o Sahara até o Polo Sul, de Júlio Verne a Rimbaud...

Na viagem ao passado, a narrativa da vida pode ser um altar ensanguentado pela camisa do camponês assassinado que Dom Pedro Casaldáliga

vestiu no Cristo... Ou a cena tremenda de três camponeses amarrados por jagunços nas pedras do rio Araguaia, com as cabeças comidas pelos urubus e os corpos pelos peixes... Ou a crueldade do torturador que, na rua Tutóia, queria ver o “gaúcho macho” chorar a cada choque elétrico nas mãos e se irritava com a sua risada provocante...

“Ter 17 anos, uma causa e um velho revólver Taurus é uma tesão, é altamente pedagógico... É belo quando o homem tem a dignidade de botar a vida dele a serviço de uma causa”.

Esse homem que foi torturado pelos ditadores sabe que nem a liberdade nem a justiça social nem a igualdade e muito menos um texto belo são conquistados com bandas e ramalhetes. Defensor de um jornalismo humanista, que produz matéria viva e, portanto, matéria transformadora, Faerman é implacável com a mediocridade.

“É uma desonestidade intelectual enfiar na cabeça dos alunos que eles estão na faculdade para aprender a fazer lead... Para que se formar então... Para ser massa de manobra, ganhar uma miséria no final do mês e eventualmente nem receber o salário? Uma escola de jornalismo tem que formar seres inteiros, inventores, criadores, produtores de novos conhecimentos. Ou a universidade é uma escola de liberdade ou não é nada”.

O grande lance do jornalismo, concebido como histórias de andanças por este repórter-educador, é a descoberta, a aventura do conhecimento. É mostrar a historicidade, o novo, o belo, a transformação das ideias.

E a reportagem, uma técnica de construção de narrativas que passa pela Antropologia, Historiografia, Sociologia, Literatura, é o gênero privilegiado de conhecimento da realidade.

“É preciso dar para as massas as mais finas iguarias, não essas porcaria do dia-a-dia. A universidade não existe para suprir o mercado de trabalho e professor que acredita nisso está pensando besteira”, diz Marcos.

“A tendência mundial não é essa dos jornais brasileiros, medíocres. O Brasil é o único país do mundo em que o repórter não precisa saber escrever. É um desrespeito com a dignidade das pessoas fazer jornalismo burro. Jornalista precisa conhecer cinema, literatura, desenvolver a sensibilidade para recolher as coisas do mundo e fazer uma história. A permanente paixão de ler é a permanente paixão de escrever... Amo as traças, livros furados, velhos...”

Repórter que se permitiu ao máximo comprar uma máquina elétrica, Faerman duvida da tecnologia. “Vive-se um momento em que ela parece mais importante que o conteúdo. Eu não conheço nenhum escritor que passou a escrever melhor por causa do computador. Os jornais perderam o estilo, o rigor, os erros são grosseiros. Por mais gramática que se enfie na memória dos computadores, o cérebro humano ainda é melhor que os revisores ortográficos”, ironiza. “Os jornais, as revistas de hoje são muito feios, mal diagramados. Perdeu-se o trabalho artesanal da imprensa. Tem gente que acha que chapar o jornal de cor quer dizer alguma coisa. Os jornais estão preguiçosos, não sabem o que são. A *Folha* conquistou 500 mil novos assinantes com bugigangas, mas não leitores. Eles compram o jornal por causa dos fascículos, dos vídeos, das enciclopédias”.

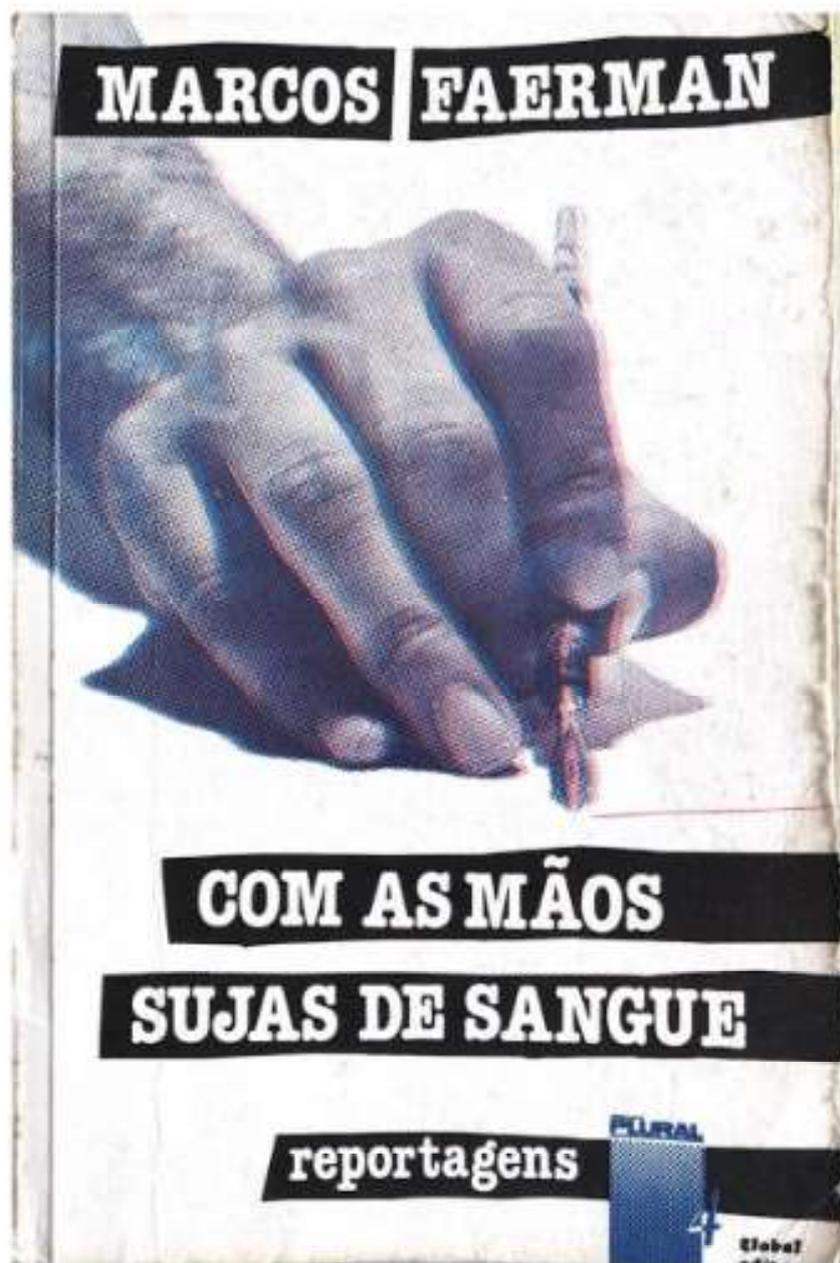
Nenhum jornalista sabe mais sobre comunicação do que os índios. Eles se comunicam há milênios e suas palavras nunca se perderam...

Para Faerman, a crise dos jornais reflete a crise dos cursos de jornalismo. Acha uma bobagem esta história que professores reproduzem entre os alunos de que a matéria precisa ser curta.

“Ninguém tem tempo é para ler textos mal escritos... O lead clássico só funciona para matéria de 30 linhas. Você pode começar a história por 200 lugares diferentes. A reportagem passa pela montagem, pelo adensamento do texto... a gente vai jogando focos de tensão e excitação ao longo dele para capturar o leitor. O jornalismo tem algo de construção lúdica. A ousadia literária, a inventividade, a criatividade, são fundamentais. O texto rígido é chato. Em “México Rebelde”, de John Reed, as palavras mal podem ser lidas porque corre um vento pelas páginas... é um tropel...”.

Marcos Faerman não teme ser ridicularizado por ser apaixonado pelos poetas, pela beleza. A aventura do jornalismo que faz passa pelos mitos, pelos balões de Júlio Verne que voam dentro do seu coração. Do alto da sua sagrada loucura, continua ensinando um jornalismo humanista, que se faz com paixão transformadora, com amor, com ódio sagrado, ódio são, ódio bom contra os vilões do amor que tudo infamam, como disse, há mais de 100 anos, o poeta e jornalista Cruz e Sousa. Porque ou se faz jornalismo assim, ou se faz qualquer outra coisa, menos jornalismo.

Como o genial jogador Di Stefano, que colocou uma bola na frente da casa, escrevendo ao lado “gracias vieja”, o eterno repórter promete que vai botar na parede da sua casa a velha Lettera e dizer “obrigado, velha”.



À Raquel,
com carinho.

Espero que
você seja

o jornalista
das últimas

consequências.

Marta

Curitiba, Novembro 80

